



YOKO ONO

O JARDIM DA APRENDIZAGEM
DA LIBERDADE THE LEARNING
GARDEN OF FREEDOM

EXPOSIÇÃO **EXHIBITION**

Curador Curators: Jon Hendricks e and Philippe Vergne

Coordenação Coordination: Paula Fernandes

Registo Registrar: Daniela Oliveira

Apoio ao desenho e instalação da exposição Support to the exhibition design: Joel Correia

Equipa de montagem Installation team: Lázaro Silva, Adelino Pontes, João Brites, Ricardo Dias, Ruben Freitas, Pedro Serrano, Luís Magalhães, Válder Maior, Hugo Castro, Artur Ruivo, Carlos Sá

Imagem Image: Carla Pinto, Ana Amorim

Som Sound: Nuno Aragão

Edição do Roteiro Exhibition guide copy-editing: Maria Burmester, Cláudia Gonçalves

Salvo indicação em contrário as obras em exposição são coleção Studio One, Nova Iorque Unless otherwise mentioned the works on display are collection Studio One, New York

AGRADECIMENTOS **ACKNOWLEDGEMENTS**

Câmara Municipal de Gaia

Câmara Municipal do Porto

Diretoria do Norte – SICPVS – Polícia Judiciária

Exército – Regimento de Transmissões, Porto

Sismógrafo

Vista Alegre

Grupo Mota-Engil, Vibeiras, S.A.

CONFERÊNCIA **CONFERENCE**

01 OUT OCT | QUI THU | 19h00 7 pm

Com **With** Alexandra Munroe, curadora sénior de arte asiática no Senior Curator, Asian Art at the Guggenheim Museum, Nova Iorque New York

A ARTE TRANSFORMATIVA **DE YOKO ONO**

A arte não é uma coisa especial. Qualquer pessoa a pode fazer. Fazer arte não tem de ser uma coisa tão fora do comum. O que quero dizer é que homens de meia idade, donas de casa ou os teus vizinhos também podem fazer arte... Se toda a gente se tornasse artista, aquilo a que chamamos “Arte” desapareceria. E creio que não haveria problema se isto acontecesse e se [aquilo que imaginei] se tornasse realidade.¹

Yoko Ono

Yoko Ono é uma artista cuja obra provocadora incita as pessoas a pensar e desafia o seu entendimento da arte e do mundo à sua volta. Ono é desde o início da sua carreira uma artista multifacetada, cujo trabalho inclui performance, filme, música, instruções e texto.

Yoko Ono: O jardim da aprendizagem da liberdade abrange a produção da artista desde as primeiras obras concebidas ainda na década de 1950 até à atualidade. Desenhada especificamente para os espaços do Museu de Serralves, a presente mostra convida o espectador a interagir com as obras da artista ao longo de todo o percurso expositivo.

Yoko Ono nasceu em Tóquio em 1933 e mudou-se para Nova Iorque em 1953, após ter estudado filosofia no Japão. Em finais dos anos 1950 fazia já parte das vibrantes atividades vanguardistas nova-iorquinas. O seu loft na Chambers Street abriu em 1960 ao público, e foi aí que ela e La Monte Young, artista e compositor vanguardista, apresentaram uma precursora série de eventos de vários artistas e expuseram materializações das suas primeiras obras conceptuais. Em 1961, Ono realizou uma exposição individual das suas *Instructions Paintings* [Pinturas de instruções] na AG Gallery, a lendária galeria de George Maciunas em Nova Iorque, e

nesse mesmo ano apresentou no Carnegie Recital Hall um concerto a solo com trabalhos revolucionários que incluíam movimento, som e voz. Em 1962 regressa a Tóquio, apresentando no Sogetsu Art Center uma versão ampliada da sua performance de Nova Iorque e expondo as suas *Instructions Paintings*. Em 1964, Ono apresentou em Quioto e Tóquio a performance *Cut Piece* [Peça de corte] e publicou *Grapefruit* [Toranja], livro que reúne as instruções das suas peças conceptuais concebidas até então. No final do ano regressou a Nova Iorque. Em 1965 apresentou a *Cut Piece* durante um concerto no Carnegie Recital Hall, a performance *Bag Piece* [Peça-saco] num evento a solo no Perpetual Fluxus Festival e, em setembro, a *Sky Piece to Jesus Christ* [Peça de céu para Jesus Cristo] – sendo que “Jesus Cristo” representa na verdade John Cage – durante o concerto da Fluxorchestra no Carnegie Recital Hall. Em 1966 fez a primeira versão de *Film No. 4 (Bottoms)* [Filme n.º 4 (Rabos)] e participou na instalação colaborativa *The Stone*, na Judson Gallery. No outono de 1966 foi convidada a participar no simpósio “Destruction in Art” [Destruição na arte], um festival de arte experimental organizado pelo artista Gustav Metzger em Londres. Nessa mesma cidade apresentou pouco tempo mais tarde duas exposições individuais: nesse ano na Indica Gallery, e no ano seguinte na Lisson Gallery. Neste período apresentou também uma série de concertos por toda a Inglaterra. Em 1969, ela e John Lennon protagonizaram os famosos *Bed-Ins for Peace* [Na cama pela paz] e conceberam a campanha internacional para a paz *War Is Over! (If you want it)* [A guerra acabou! (Se o quiseres)].

Yoko Ono viaja todos os anos para a Islândia para acender a sua *Imagine Peace Tower* [Torre Imagina a paz], que criou em 2007 como instalação permanente na Ilha Viðey, e continua a trabalhar para a paz na sua campanha *Imagine Peace* [Imagina a paz].

Atualmente, Yoko Ono é amplamente reconhecida pelos seus filmes pioneiros e a sua

1. Yoko Ono (1964) citada em Midori Yoshimoto “Some Young People - From Nonfiction Theater”, *Review of Japanese Culture and Society*, dezembro 2005, p. 101.

música radical, gravações e concertos, assim como pelas suas performances. Os seus filmes *Fly* [Mosca], *Rape* [Violação] e *Film No. 4 (Bottoms)*, para mencionar apenas alguns, são considerados clássicos do filme de artista do século XX e a sua música foi finalmente reconhecida como estando na génese de muitas das formas musicais da New Wave que têm circulado pelo mundo.

Ao longo do seu percurso através da mostra, o espectador é encorajado a ver e a experienciar. Somos convidados a participar no trabalho – seja física ou mentalmente. Por vezes temos de tocar e movimentar coisas e a arquitetura do Museu é confrontada pela arquitetura que a artista concebeu nas suas instruções. É o caso, por exemplo, dos trabalhos da artista concebidos como “instrução” e compilados no seu livro *Grapefruit* [Toranja], publicado pela primeira vez em 1964. Este volume reúne as várias instruções escritas que a artista considera fundamentais no seu processo criativo, divididas em diferentes secções: música, pintura, evento, poesia e objeto. Através destas instruções, Yoko Ono permite que cada obra de arte seja completada por outra pessoa, de uma forma totalmente diferente da que teria se fosse ela própria a fazê-lo. Estes textos também contemplam a possibilidade de a obra ser apenas construída mentalmente ou não ser de todo realizada, numa antecipação do que viria a ser o conceptualismo.

Paralelamente às pinturas e objetos que cria nesses primeiros anos da década de 1960, Yoko Ono desenvolve uma série de performances. Algumas dessas performances serão reativadas durante a exposição em Serralves. Em *Bag Piece* (1964), por exemplo, o espectador é convidado a entrar dentro de um saco, que pode ser individual ou duplo e despir-se e voltar a vestir-se. Para Yoko Ono, estar dentro de um saco é permitir mostrar o outro lado, que nada tem a ver com etnia, sexo ou idade. Dentro de um saco somos apenas alma, despojados de qualquer característica diferenciadora.

O único som que existe para mim é o som da mente. Os meus trabalhos são só para induzir música na mente das pessoas.

Yoko Ono

A música tem também um papel preponderante no desenvolvimento artístico de Yoko Ono. A sua aprendizagem musical, iniciada na infância, foi consolidada em posteriores formações realizadas já na sua juventude, nomeadamente através da sua proximidade e admiração por John Cage. A música da mente ou *Insound* [Som-interior] são composições que determinavam os sons produzidos na mente de cada um dos membros do público durante os seus concertos.

Sobre som-interior

INTERIOR: mesmo como interior-dentro-não-desinsano-enlouquecido...

Som-interior é mais uma prática do que música.

A maior parte das peças de som-interior são difundidas por passa-palavra.

A seguinte é uma das peças de som-interior.

Fica num quarto durante um mês.

Não fales.

Não vejas.

Sussurra no final do mês.

Neste concerto serão executadas uma peça passa-palavra, uma peça strip-tease e uma peça de público.

Estes e outros trabalhos que desenvolveu entre 1961 (noite performativa no Carnegie Recital Hall) e 1968 deram-lhe um lugar de destaque junto da comunidade de vanguarda.

A cultura oriental – especialmente os métodos Zen que despertavam nessa época enorme interesse – conjugava-se com a cultura ocidental.

PINTURAS POR INSTRUÇÃO E INSTRUÇÃO PARA PINTURAS

Em 1960, Yoko Ono e La Monte Young organizam uma série de eventos no loft de Ono situado no n.º 112 da Chambers Street. Apresentados entre dezembro de 1960 e junho de 1961, estes eventos foram protagonizados por artistas de várias áreas – músicos, poetas, compositores, bailarinos, artistas visuais – e tiveram um profundo impacto numa Nova Iorque que fervilhava de novidade e cheia de jovens ansiosos por expor ou apresentar novas formas de pensamento artístico. Esta série de eventos constituiu no fundo o projeto embrionário do que a seguir viria a ser conhecido como movimento Fluxus. Yoko Ono teve um papel central neste contexto: não só ao disponibilizar um espaço para que outros mostrassem as suas obras, mas também mostrando obras suas pela primeira vez naquele espaço.

Na sua primeira exposição, realizada em 1961 em Nova Iorque, na AG Gallery, dirigida por George Maciunas, artista e fundador do movimento Fluxus, Yoko Ono apresentou algumas obras que classificou como “Pinturas de Instruções”; por exemplo, *Painting to Be Stepped On* [Pintura para ser pisada], 1961, *Waterdrop Painting* [Pintura de gota de água], 1961, ou *Painting in Three Stanzas* [Pintura em três estrofes], 1961. Como a exposição foi visitada por poucas pessoas, a artista teve a possibilidade de explicar pessoalmente a cada um dos visitantes o que era suposto fazer para que as obras ficassem completas.

Yoko Ono identificou-se bastante com esta experiência e, desde então, passou por vezes a colocar junto de cada obra um texto com a instrução que era suposto ser executada pelo visitante. Às vezes, os trabalhos posteriormente desenvolvidos assentam nesse pressuposto, de apenas ficarem completos após a interação do espectador (*Painting to Shake Hands* [Pintura para aperto de mãos], 1961). Algumas destas obras já haviam sido

apresentadas na série de eventos da Chambers Street acima referida.

Nesta mesma sala apresentamos ainda a obra *Strip Tease For Three* [Strip-tease para três], (c. 1964), composta por três cadeiras colocadas junto a uma parede, segundo as instruções da artista. Apresentada pela primeira vez em “The Strip Tease Show”, concerto que Ono realizou no Yamaichi Hall em Quioto, o que estava em causa para a artista era o “stripping of the mind”, despir a mente. Em 1965 esta peça foi incluída no seu concerto no Carnegie Recital Hall, Nova Iorque.

Tal como as pinturas ou as performances, Yoko Ono constrói um conjunto de objetos que poderiam ter como denominação “Objetos por instrução”. Se nos anos 1960 esse objetos eram construídos em acrílico, muitos deles foram posteriormente replicados em bronze, contrapondo a leveza e transparência do acrílico à opacidade do bronze. Por vezes os objetos tridimensionais são usados para escrever declarações ou marcar posições sobre a sua filosofia. O bronze, que é considerado pela artista como um símbolo da violência, é retomado noutras obras apresentadas na exposição (*Helmets* [Capacetes] e *A Hole* [Um buraco]).

A linguagem é um elemento estruturante da construção criativa da artista. Ao longo da exposição encontramos *Obras de palavra(s)*, diretamente escritas na parede, em telas ou em grandes suportes instalados no parque. Encontramos ainda textos sob a forma de tabela, em pequenas placas de metal acopladas às obras, neste caso aos objetos contruídos em acrílico. Muitas vezes, a artista escolhe deliberadamente palavras que podem ter significados diversos ou que podem ser lidas como um verbo no imperativo – *respira*, *corta*, *imagina*.

Ono usa uma linguagem minimalista, epigramática e poética. Encontraremos algumas destas obras no Museu, no Parque, mas também espalhadas pela cidade do Porto.

INSTRUÇÕES PARA PERFORMANCE

A sua primeira ação performativa tem a forma de instruções escritas, numa poética paradoxal que Ono descreve como experiências sensoriais. As primeiras performances musicais em que participou foram os concertos Village Gates em Nova Iorque em 1961; seguiu-se a noite performativa no Carnegie Recital Hall, em que apresentou um conjunto de trabalhos performativos de instruções e o primeiro de uma série de concertos que realizou durante esse período, que lhe deram um lugar de destaque junto da comunidade performativa de vanguarda. Posteriormente apresentará este mesmo programa no Sogetsu Art Center em Tóquio.

O regresso de Yoko Ono a Nova Iorque, três anos após ter partido para Tóquio, ficaria associado ao concerto realizado no Carnegie Hall em Nova Iorque: nesta ocasião apresentou *CUT PIECE*. Nesta obra, a artista permanece sentada em palco, imóvel e perfeitamente concentrada, enquanto membros do público, um de cada vez, sobem ao palco para cortar um pequeno pedaço da sua roupa para levar consigo.

A ARQUITETURA E AS CONSTRUÇÕES NO ESPAÇO

Na exposição somos confrontados com algumas estruturas arquitetónicas que se impõem no espaço e que seguem os desenhos técnicos originais de George Maciunas, criados a pedido da artista para a exposição que realizou no Everson Museum, Syracuse, em 1971.

Para Yoko Ono, a arquitetura consiste numa criação mental, desenvolvida através de uma investigação da artista do espaço arquitetónico como um vazio histórico.

Alguns desses projetos são reconstituídos nesta exposição e transcrevem as peças dedicadas a George Maciunas, que transpôs as instruções da artista para projetos arquitetónicos reais. *Telephone In a Maze* [Telefone num labirinto] (1971/2020), *En Trance*

[Entrada] ou *Blue Room Event* [Evento do Quarto Azul], 1966/2020, espaço em branco apenas preenchido por frases da artista escritas diretamente na parede.

FILMES

No final dos anos 1960, a câmara ganha a mesma importância que os guiões escritos pela artista, permitindo que o suporte filme transcreva de forma mais eficaz e poética a relação plasmática entre arte e vida.

Os filmes em exibição, alguns deles realizados em parceria com John Lennon, desafiam a noção tradicional de realização e fazem parte da corrente americana da cultura do filme independente dos anos 1960. Neste movimento, os artistas usam a cinematografia para, em vez de construírem narrativas, se apropriarem de todos os elementos visíveis usados na filmagem e no processo de produção.

Os primeiros filmes de Ono são realizados ainda nos anos 1960 e refletem a sua relação interdisciplinar, bem como as performances ou objetos que criava.

OBRAS RECENTES

Nos anos 1990, a artista torna-se cada vez mais ativa, apresentando exposições por todo o mundo, e desenvolve um papel muito significativo no contexto político e social. A obra *EX IT*, 1997/2020, executada a partir dos desenhos e instruções da artista, é constituída por cem caixões de diversos tamanhos – homem, mulher, criança – e por cem árvores que deles emergem. Os caixões são construídos da forma muito simples, como aqueles que existem em situações de catástrofe. Perguntamo-nos quem são estas vítimas anónimas aqui representadas. A metáfora construída pela associação da vida (árvore) e da morte tem uma presença fortíssima na exposição.

Add Color (Refugee Boat) [Adicione cor [Barco de refugiados)] ou *Arising* são outras obras que para além de solicitarem a participação do público, transmitem um posicionamento social, nomeadamente sobre a questão dos refugiados e sobre a discriminação exercida sobre as mulheres. A exposição termina com a instalação *Arising*, em que a artista convoca as mulheres que foram vítimas de discriminação a deixarem o seu testemunho, tal como ela própria o fez:

ERGUENDO-SE

Ouve o teu coração
Respeita a tua intuição
Manifesta-te
Não há limite
Tem coragem
Tem raiva
Estamos todos juntos
Segue o teu coração
Usa a tua intuição
Manifesta-te
Não há qualquer confusão
Tem coragem
Tem raiva
Estamos a erguer-nos

y.o. 1994

A exposição estende-se ao Parque de Serralves, onde para além das peças de palavras de grandes dimensões situadas em vários locais escolhidos, encontraremos outras obras contruídas segundo as instruções da artista, como é exemplo a peça *Garden Sets* [Equipamentos de jardim], 1964/2020.

EQUIPAMENTOS DE JARDIM

(preços segundo custos de empreiteiro, pedras, seixos, etc.)

tipos:

Um buraco raso para o luar fazer um lago.
Um buraco fundo para as nuvens pingarem nele.
Buraco alongado para passagem do neveiro.
Arranjos de pedras para a neve cobrir.
Pedras e seixos dispostos como o leito seco de um rio.

To See the Sky [Para ver o céu], obra instalada no Pátio do Ulmeiro, é constituída por uma escada em caracol pintada de azul, na tonalidade do céu de Manhattan. A escada está longe do céu e não somos suficientemente altos para o poder tocar.

As escadas tem um significado muito especial que a artista associa ao céu e às possibilidades infinitas da vida, da criação, da capacidade humana de amar.

Ocasionalmente encontraremos ainda a emblemática obra *Wish Tree* [Árvore dos desejos], 1996/2020, instalada em oliveiras centenárias, convidando o visitante a escrever os seus desejos pessoais pela paz e a atá-los ao ramo de uma árvore.

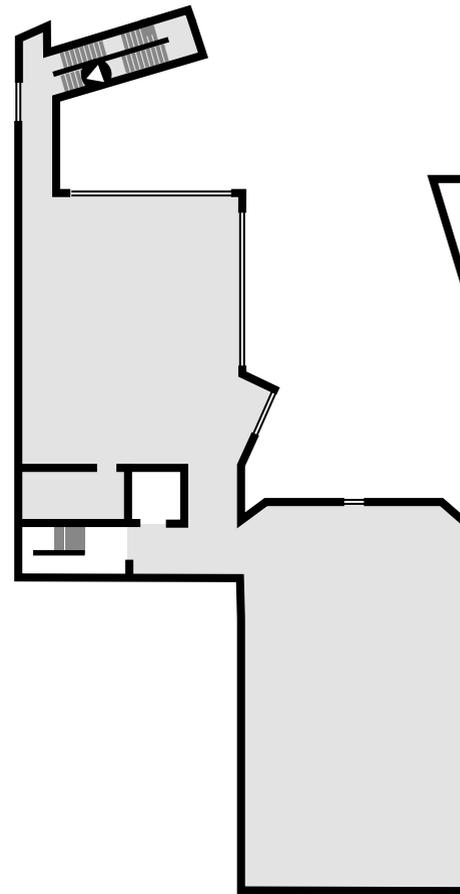
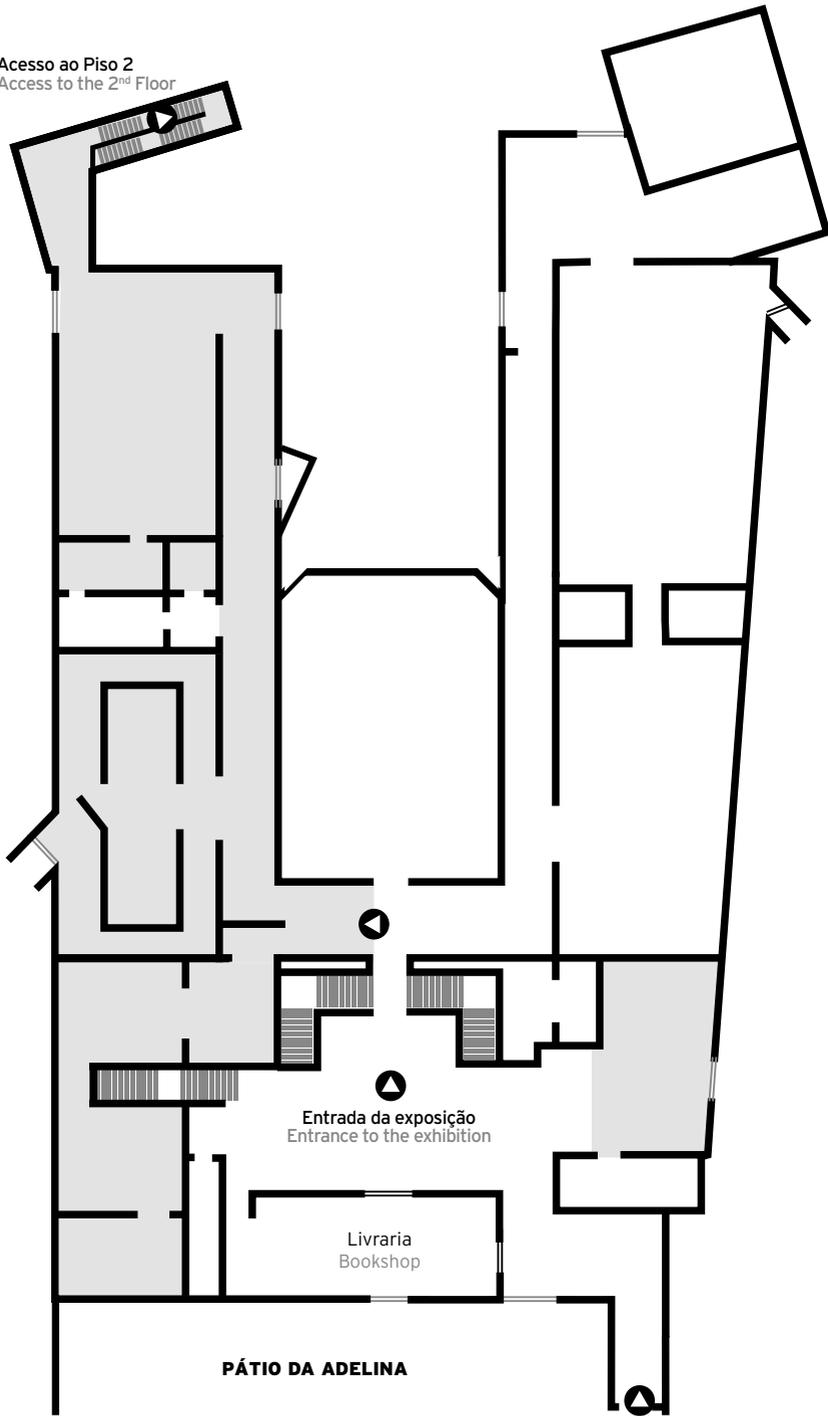
Quando era criança, no Japão, costumava ir a um templo e escrevia um desejo num pedaço fino de papel e atava-o com um nó a um ramo de uma árvore. As árvores dos pátios dos templos estavam sempre cheias de desejos das pessoas atados com um nó, que de longe pareciam flores brancas a florir.

y.o.

Yoko Ono: O jardim da aprendizagem da liberdade é a primeira grande exposição retrospectiva da artista em Portugal e permitirá aos visitantes travar conhecimento com um corpo de trabalho que tem um lugar inquestionável na história da arte dos séculos XX e XXI. Ao longo de uma carreira de mais de sessenta anos, Yoko Ono manteve-se fiel a si própria, à sua arte e às suas convicções, sempre abordando as mais prementes questões estéticas, políticas e sociais. Como afirmou o curador Christophe Cherix, “O que torna a arte de Ono tão essencial no nosso tempo é a sua capacidade de se situar sempre no presente e de nunca nos fazer olhar para trás.”²

2. Christophe Cherix, “Yoko Ono’s Lightning Years”, in *Yoko Ono: One Woman Show 1960-1971*, cat. exp., Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015.

Acesso ao Piso 2
Access to the 2nd Floor



Piso Floor 2

Entrada do Museu
Entrance to the Museum
Piso Floor 3

YOKO ONO'S TRANSFORMING ART

Art is not a special thing. Anyone can do it. Making art does not have to be so unusual. What I mean is that middle-aged men and housewives, your neighbors can also do it... If everybody were to become an artist, what we call "Art" would disappear. I think it would be fine if this were to happen and [what I have envisioned] become a reality!

Yoko Ono

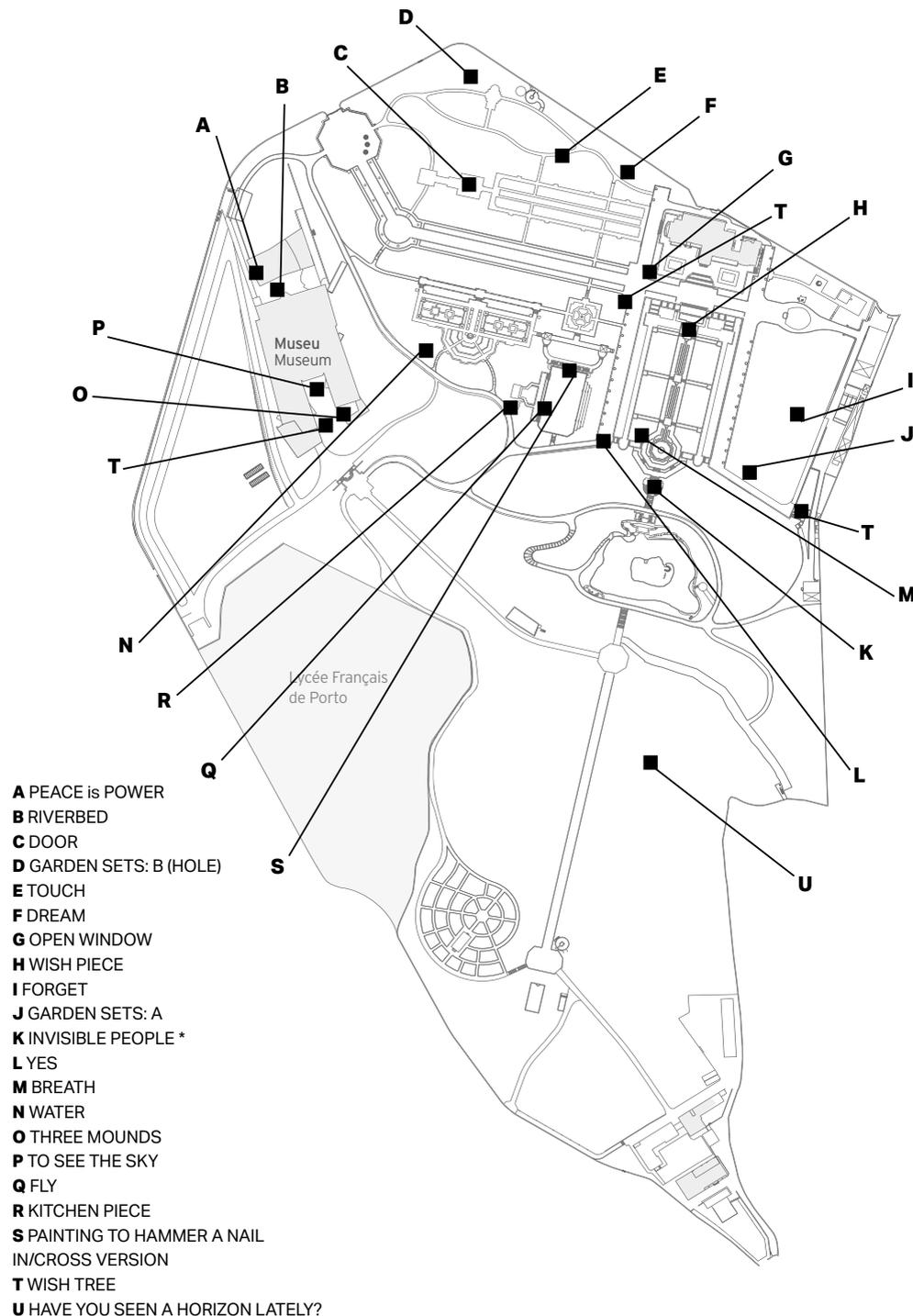
Yoko Ono is an artist whose thought-provoking work challenges people's understanding of art and the world around them. The works presented in this exhibition encompass the entire career of Yoko Ono. They entice us to delve into her artistic universe. Ono's provocative work encourages people to think and challenges their understanding of art and the world around them. Her chosen media are performance, film, music, instructions and text, which the artist uses to challenge every theory that can be used to classify her art, and is thereby able to work in complete freedom.

Ono was born in Tokyo in 1933, and moved to New York in 1953, following her studies in philosophy in Japan. By the late 1950s, she had become part of New York City's vibrant avant-garde activities. In 1960, she opened her Chambers Street loft, where she and avant-garde composer and artist La Monte Young presented a series of radical performances and exhibited realizations of some of her early conceptual works. In 1961, she had a one-person show of her *Instruction Paintings* at George Maciunas' legendary AG Gallery in New York, and later that year, she performed a solo concert at Carnegie Recital Hall of revolutionary works involving movement, sound, and voice. In 1962, she returned to

Tokyo, where, at the Sogetsu Art Center, she extended her New York performance and exhibited her *Instructions for Paintings*. In 1964, Ono performed *Cut Piece* in Kyoto and Tokyo, and published *Grapefruit*, a book of her collected conceptual instruction pieces. At the end of that year, she returned to New York. In 1965, she performed *Cut Piece* during her concert at Carnegie Recital Hall, *Bag Piece* during a solo event for the Perpetual Fluxus Festival, and she performed *Sky Piece to Jesus Christ* (Jesus Christ actually stands for John Cage) during the Fluxorchestra concert at Carnegie Recital Hall that September. In 1966, she made the first version of *Film No. 4 (Bottoms)*, and realized a collaborative installation *The Stone*, at the Judson Gallery. In the fall of 1966, she was invited to take part in the Destruction in Art Symposium in London, a major experimental art festival led by artist Gustav Metzger, and later that year, held one-person exhibitions at the Indica Gallery, and the Lisson Gallery the following year. During this period, she also performed a number of concerts throughout England. In 1969, together with John Lennon, she realized *Bed-In*, and the worldwide *War Is Over! (if you want it)* campaign for peace. Yoko Ono travels annually to Iceland for the lighting of her *IMAGINE PEACE TOWER*, which she created in 2007 as a permanent installation on Viðey Island, Iceland. She continues to work tirelessly for peace with her *IMAGINE PEACE* campaign.

Today, Ono is widely recognized for her ground breaking films and her radical music, recordings, concerts, as well as her performance art. Her films *Fly*, "RAPE", *Film No. 4* to name a few, are considered classics of twentieth century film, and her music has finally been acknowledged as the genesis of much of the New Wave of musical forms that have circled the world.

Throughout the exhibition the viewer is encouraged to look and experience. We



- A** PEACE is POWER
- B** RIVERBED
- C** DOOR
- D** GARDEN SETS: B (HOLE)
- E** TOUCH
- F** DREAM
- G** OPEN WINDOW
- H** WISH PIECE
- I** FORGET
- J** GARDEN SETS: A
- K** INVISIBLE PEOPLE*
- L** YES
- M** BREATH
- N** WATER
- O** THREE MOUNDS
- P** TO SEE THE SKY
- Q** FLY
- R** KITCHEN PIECE
- S** PAINTING TO HAMMER A NAIL
IN/CROSS VERSION
- T** WISH TREE
- U** HAVE YOU SEEN A HORIZON LATELY?

* Temporariamente no Museu Temporarily at the Museum

1. Yoko Ono (1964) quoted in Midori Yoshimoto "Some Young People - From Nonfiction Theater", *Review of Japanese Culture and Society*, December 2005, p. 101.

are invited to participate in the work – whether physically or mentally. We must sometimes touch and move things and the Museum’s architecture is confronted by the architecture conceived by the artist in her instructions. For example, Yoko Ono’s “instruction” works compiled in her book *Grapefruit*, first published in 1964. This publication collects the various written instructions that the artist considers to be essential in her creative process, divided into different types of works: music, painting, event, poetry and object. Through these instructions, Yoko Ono enables each work of art to be completed by someone else, in a totally different way than if she had made it solely by herself. These texts also contemplate the possibility that the work may only be constructed mentally or not even made at all, in anticipation of what later became known as conceptualism.

Alongside paintings and objects created in the early 1960s, Yoko Ono developed a series of performances. Several will be re-activated during the exhibition at Serralves. In *Bag Piece* (1964), for instance, the viewer is invited to enter a bag, designed either for one or two people, and then undress and re-dress. Ono considers that being in a bag means showing one’s other side, which has nothing to do with ethnicity, sex or age. In a bag we are just a soul, stripped of any distinguishing characteristic.

The only sound that exists to me is the sound of the mind. My works are only to induce music of the mind in people.

Music also plays a major role in Yoko Ono’s artistic practice. She started to learn music as a child, and then consolidated this knowledge during her youth, in particular through her close friendship and admiration for John Cage. Music for the mind or *Insound* are compositions intended to determine the sounds produced in the minds of each member of the audience during her concerts.

On insound

IN: like really in-within-inner-non-un-insane-crazed...

Insound is a practice rather than music.

Most of the insound pieces are spread by word of outh.

The following is one of the insound pieces.

Stay in a room for a month

Do not speak.

Do not see.

Whisper at the end of the month.

A word-of-mouth piece, a strip-tease piece and an audience piece will be performed in this concert.

These and other works developed between 1961 (included in her performance in Carnegie Recital Hall) and 1968, gave her a prominent place in the avant-garde performance community. Ono combines Eastern culture – in particular Zen methods, that aroused tremendous interest at that time – with Western culture.

INSTRUCTION PAINTINGS AND INSTRUCTIONS FOR PAINTINGS

In 1960, Yoko Ono and La Monte Young organized a series of events in Ono’s loft at 112 Chambers Street. Presented between December 1960 and June 1961, these events were staged by artists from various fields – musicians, poets, composers, dancers, visual artists. They had a profound impact on the New York art scene, that at the time was teeming with new ideas and young people eager to exhibit or develop new forms of artistic thinking. This series of events was the forerunner to the Fluxus movement. Ono played a central role in this context: not only by providing a space for other artists to show their works, but also showing her own works for the first time in that space.

In her first exhibition, held in 1961 in New York, at the AG Gallery, directed by artist and Fluxus founder George Maciunas, Ono presented several works, that she called “Instruction Paintings” – for example,

Painting to Be Stepped On, 1961, *Waterdrop Painting*, 1961, or *Painting in Three Stanzas*, 1961. Given that the exhibition had only a small number of visitors, the artist was able to personally explain to each spectator what they had to do to complete the works.

The artist closely identified herself with this experience and from then onwards sometimes placed a text next to each work with instructions that were supposed to be performed by the visitor. Sometimes, the works that she subsequently developed were based on this assumption, that they were only completed after interaction with the viewer (*Painting to Shake Hands*, 1961). Some of these works had already been presented in the series of events in her loft in Chambers Street.

Presented in the same gallery is also *Strip Tease For Three* (c. 1964), which consists of three chairs placed next to a wall, in accordance with the artist’s instructions. Presented for the first time in “The Strip Tease Show”, a concert that Ono held at Yamaichi Hall in Kyoto, Ono was interested in “stripping the mind”. In 1965 this work was included in her concert at Carnegie Recital Hall, New York.

Similar to her paintings or performances, Yoko Ono also built a set of objects that could be called “Instruction Works”. Whereas in the 1960s these objects were made of acrylic, many were later replicated in bronze, contrasting the lightness and transparency of acrylic with the opacity of bronze. Sometimes Ono used three-dimensional objects to write statements or mark out positions related to her philosophy. Bronze, which the artist considers to be a symbol of violence, is used in other works presented in the exhibition (*Helmets* and *A Hole*).

Language is a structuring element in the artist’s creative process. Throughout the exhibition we find several *Word Pieces*,

directly written on the wall, on screens or on large supports installed in the Serralves Park. We also find texts in the form of a caption, on small metal plates attached to the works, in this case to acrylic objects. The artist often deliberately chooses words that can have different meanings or that can be read as an imperative verb – *breathe, cut, imagine*.

Ono uses a minimalist, epigrammatic and poetic language. Some of these works are also shown in various parts of the city of Porto.

INSTRUCTIONS FOR PERFORMANCE

Ono’s first performance work was based on written instructions, using paradoxical poetics that the artist described as “sensory experiences”. The first musical performance in which she participated was the Village Gates concerts in New York in 1961; that was followed by her performance in Carnegie Recital Hall, in which she presented a series of instruction performances, the first in a series of concerts that she gave during this period, through which she gained a prominent place in the avant-garde performance community. Later Ono presented the same programme in the Sogetsu Art Center in Tokyo.

When Ono returned to New York in 1965, after living three years in Tokyo, she gave a concert in Carnegie Hall, in which she presented *CUT PIECE*. In this work, the artist remained sitting on stage, immobile and perfectly concentrated, while members of the audience, one at a time, stepped onto stage to cut a small piece of her clothes to take home with them.

ARCHITECTURE AND CONSTRUCTIONS IN SPACE

The exhibition includes several imposing architectural structures that occupy the space,

based on the original technical drawings by George Maciunas, created at the artist's request for her exhibition in the Everson Museum of Art, Syracuse, in 1971.

For Yoko Ono, architecture is a mental creation, developed through her investigation into architectural space as a historical void.

Several of these projects are reconstructed in this exhibition, transcribing the works dedicated to George Maciunas, who transposed the artist's instructions to real architectural projects. They include *Telephone in a Maze* (1971/2020), *En Trance* or *Blue Room Event*, 1966/2020, a blank space that is only filled with phrases by the artist written directly on the wall.

FILMS

At the end of the 1960s, the camera gained the same importance as the scripts written by the artist, as she began to use the film medium to more effectively and poetically transcribe the intimate connection between art and life.

The films screened in the exhibition, some made in partnership with John Lennon, challenge the traditional notion of directing and are part of the 1960s American current of independent film culture. In this movement, instead of trying to build narratives, artists appropriated all the visible elements used in the filming and production process.

Ono directed her first films in the 1960s, which reflected her interdisciplinary exploration, as well as her performances and objects.

RECENT WORKS

In the 1990s, the artist became increasingly active, and presented exhibitions

around the world, playing a very significant role in the political and social context. The work *EX IT*, 1997/2020, based on the artist's drawings and instructions, consists of 100 coffins of different sizes – for men, women, and children – and 100 trees that emerge from them. The coffins are very simply built, similar to those used in catastrophes. We wonder who the anonymous victims represented in this manner might be. The metaphor constructed by the association between life (tree) and death assumes a very strong presence in the exhibition.

Add Color (Refugee Boat) or *Arising* are other works that, in addition to encouraging public participation, convey a social position, in relation to the issue of refugees and discrimination against women. The exhibition ends with the installation *Arising*, in which the artist invites women who have been victims of violence to leave their personal testimonies, just as Ono herself did:

RISING

Listen to your heart
Respect your intuition
Make your manifestation
There's no limitation
Have courage
Have rage
We're all together
Follow your heart
Use your intuition
Make your manifestation
There's no confusion
Have courage
Have rage
We're rising

y.o. 1994

The exhibition also extends to the Serpentes Park, where in addition to large-scale words placed in several chosen

locations, we find other works built using the artist's instructions, such as *Garden Sets* 1964/2020.

GARDEN SETS (priced according to contractors' costs, stones, pebbles, etc).
types:

a shallow hole for the moonlight to make a pond.
a deep hole for the clouds to drip in.
elongated hole for fog ways.
stone settings for the snow to cover.
stones and pebbles set like a dry river bed.

To See the Sky, a work installed in the Elm Patio, consists of a spiral staircase, that is painted blue to resemble the blue sky in Manhattan. The ladder is still far removed from the sky and we're not tall enough to be able to touch the sky. The ladder has a very special meaning, that the artist associates with the sky and the infinite possibilities of life, creation, and the human capacity to love.

In the Park we also encounter her emblematic work *Wish Tree*, 1996/2020, installed in centuries-old olive trees, which invites the visitor to write his or her personal wishes for peace and tie them to the branch of a tree.

As a child in Japan, I used to go to a temple and write out a wish on a piece of thin paper and tie it in a knot around the branch of a tree. Trees in temple courtyards were always filled with people's wish knots, which looked like white flowers blossoming from afar.

y.o.

Yoko Ono: The Learning Garden of Freedom is the artist's first major retrospective exhibition in Portugal and it will allow visitors to come into contact with a body

of work that has an undisputable place in the history of art of the twentieth and twenty-first centuries. Throughout a carrier of over sixty years, Ono has managed to stay faithful to herself, her art and her beliefs, always addressing striking aesthetic, political and social issues. As curator Christophe Cherix puts it, "What makes Ono's art so essential to our time [is] its capacity to always be in the present and to never make us look back."²

2. Christophe Cherix, 'Yoko Ono's Lightning Years', in *Yoko Ono: One Woman Show 1960-1971*, exh. cat., New York: The Museum of Modern Art, 2015.

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias.

Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h-13h/14h30-17h)

Minimum two-week advance booking is required. For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 a.m.–1 p.m. and 2.30–5.00 p.m.)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (linha direta/direct line): 22 615 65 00
Tel: 22 615 65 46
Fax: 22 615 65 33

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

Ter Tue-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00
Seg Mon - Encerrado Closed

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated to one of the most beautiful views over the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-19h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-18h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holiday: 11h00-19h00

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Geral General line:
(+ 351) 808 200 543
(+ 351) 226 156 500

www.serralves.pt

[f /fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

[t /serralves_twit](https://twitter.com/serralves_twit)

[ig /fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

[yt /serralves](https://www.youtube.com/serralves)

Apoio institucional
Institutional support

Media Partner

Mecenas da Exposição
Exhibition supported by

